



“OCUPA EEFFTO”: HORIZONTES DEMOCRÁTICOS E CORPOREIDADES EM LUTA¹

Roberta Batista de Faria²

Laura Lívia Fonseca³

Brisa de Assis Pereira⁴

Cláudio Márcio Oliveira⁵

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões a partir da sistematização de experiências individuais e coletivas da ocupação universitária “Ocupa EEFFTO”. Para tanto, as narrativas das/os ocupantes nos permitiram refletir acerca da formação cidadã e da afirmação destas/estes como sujeitos de direitos. Abordamos ainda a apropriação e ressignificação do espaço público da EEFFTO/UFMG, com ênfase na generificação das lutas e nas corporeidades das/dos ocupantes.

PALAVRAS-CHAVE: Ocupações estudantis; Narrativas; Corporeidades.

1 INTRODUÇÃO

Reconhecer os vínculos existentes entre movimentos sociais e educação nos levou a refletir sobre a dinâmica e os desdobramentos dos movimentos de ocupação das escolas e universidades públicas em 2016 no Brasil. Para tanto, abordaremos a ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG).

O movimento de ocupação de escolas e universidades públicas tomou o cenário nacional no segundo semestre de 2015. Na ocasião centenas de escolas públicas do estado de São Paulo foram ocupadas por estudantes secundaristas, movimento que ficou conhecido como “*primavera secundarista*”. Já no ano de 2016, o movimento ganhou adeptos em todo o Brasil (ALMEIDA, 2016).

Neste contexto, em novembro de 2016, a “*Ocupa EEFFTO*” somou-se ao movimento de mobilização estudantil, afirmando sua posição contrária à Medida Provisória 746/16 – que prevê a reformulação do Ensino Médio – e à Proposta de Emenda Constitucional 241/55 – que limita os gastos primários por 20 anos; tais propostas subtraem investimentos essenciais em saúde, assistência social, moradia

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG), robertabatistafaria@gmail.com

3 Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG), laurafonseca@yahoo.com.br

4 Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG), brisadeassis@hotmail.com

5 Faculdade de Educação (FAE/UFMG), clamoliv1974@hotmail.com

e educação, o que levou os estudantes a se organizarem em manifestações contra as mesmas.

Para o sociólogo e educador Miguel Arroyo, a história da democratização da educação é inseparável da história social dos setores populares. Originada na década de 50, a expansão dos centros urbanos ocasionou novo debate político sobre a inserção social deste contingente populacional (ARROYO, 2003), de forma que a mobilização e a pressão pelo direito à cidade contribuíram para a conformação dos direitos sociais entre as camadas populares.

Segundo Arroyo (2003), esse avanço na consciência dos direitos galga a educação e a escola pública ao patamar dos direitos sociais. “A escola vai deixando de ser vista como uma dádiva da política clientelística e vai sendo exigida como um direito” (p.30). Este novo patamar passa a contrapor o modelo social vigente da escolarização reduzida à mercadoria e ao “capital humano”. As mobilizações populares, ora controladas e reprimidas, persistiram e se prolongaram pelas últimas décadas, assumindo papel de “pedagogas no aprendizado dos direitos sociais, especificamente do direito à educação” (ARROYO, 2003, p.31).

Em um cenário político-social em que o usufruto dos direitos conquistados se vê seriamente ameaçado o movimento de ocupação das escolas e universidades públicas representou uma estratégia de resistência, de luta e afirmação de novos sujeitos de direitos.

Este estudo apresenta reflexões a partir da sistematização de experiências individuais e coletivas da “Ocupa EEEFTO”, por meio de narrativas autobiográficas. Tais reflexões se darão em três eixos: a perspectiva da formação cidadã dos envolvidos em luta para serem reconhecidos como sujeitos de direitos, a perspectiva da apropriação e ressignificação do espaço público, e a inserção destes sujeitos no movimento social, com ênfase na generificação e na corporeidade das/os ocupantes.

2 METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada foi a pesquisa-formação, onde as/os participantes são, ao mesmo tempo, sujeitos da pesquisa e se formam com/nela (JOSSO, 2004). A partir daí apresentamos às/aos ocupantes a proposta de elaboração e produção de textos por meio da realização de Ateliês Biográficos (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Os ateliês biográficos configuram-se como um procedimento de formação ligado à “dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité* aberto ao projeto de si” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366). Os procedimentos e objetivos do ateliê foram apresentados às/os estudantes da “Ocupa EEEFTO” por meio da ratificação coletiva de um contrato biográfico, no qual as/os ocupantes comprometeram-se na elaboração das narrativas.

A realização do ateliê foi composta de três momentos. O primeiro deles foi dedicado à elaboração individual das narrativas autobiográficas, com base na experiência de ocupação tendo como temas os movimentos sociais e a formação profissional. Num segundo momento as/os estudantes foram divididos em tríades e socializaram as narrativas, assumindo alternadamente os papéis de narrador,

escriba e ouvinte (DELORY-MOMBERGER, 2006). Já o terceiro momento produziu a ampliação e o adensamento das narrativas.

As/os participantes coletivamente realizaram o processo de análise das narrativas baseado no paradigma indiciário de Ginzburg (1992), método interpretativo no qual os detalhes tidos como secundários podem guardar a chave para a interpretação de um contexto social. Com isso buscamos identificar as formas de luta, as tensões e as experiências construídas no decorrer da “Ocupa EEFFTO”.

3 O COTIDIANO DO CORPO NA LUTA

O processo de ocupação da EEFFTO não se deu de forma isolada; várias escolas públicas e unidades acadêmicas da UFMG já se encontravam mobilizadas. Quando ocorreram as primeiras conversas sobre a possível ocupação da EEFFTO, as percepções relatadas nas narrativas das/os ocupantes envolvidas/os mostraram uma visão pessimista, em função de historicamente haver pouca adesão a ações políticas, sociais e culturais por parte das/os estudantes da unidade. Mesmo com esses impasses, as/os estudantes dos cursos de Educação Física, Terapia Ocupacional e Fisioterapia convocaram uma assembleia para discutir a possibilidade da ocupação e, majoritariamente, a ocupação foi apoiada e legitimada, contando com ampla participação da comunidade acadêmica da EEFFTO, surpreendendo a todas/os envolvidas/os nesse processo de construção.

As discussões realizadas com professoras/os e funcionárias/os foram imprescindíveis para a formação das/os ocupantes; formação esta que não se vê no currículo profissional ou em sala de aula, mas que ocorre como um “*currículo oculto*” na sua relação com os movimentos sociais.

Miguel Arroyo destaca o aprendizado dos direitos como uma dimensão educativa. Dentro desta perspectiva, no decorrer da ocupação, aconteceram os chamados “aulões” sobre *desobediência civil, direito de ir e vir, impactos econômicos da PEC e a reformulação do Ensino Médio*. Assim, o contato com os movimentos, a troca de saberes e conhecimentos entre os sujeitos envolvidos impactou significativamente na formação sócio-política e na sensibilidade de cada ocupante ali presente.

Ao decidir pela ocupação, os sujeitos envolvidos perceberam a necessidade de criar comissões que apontassem uma nova dinâmica de ações dentro e fora do prédio: comissão de logística, segurança, comunicação, alimentação e limpeza, etc., forjando novas subjetividades no movimento. Neste contexto, o “olhar para o outro” possibilitou a criação de redes de sociabilidade *intra* e *inter* ocupações da UFMG; todas as demandas eram tratadas coletivamente em assembleias diárias, em que as relações entre as/os ocupantes prezavam pelo princípio da horizontalidade, afastando-se de hierarquias e papéis socialmente definidos, tais como professor-aluno e homem-mulher.

Esta busca pela horizontalidade nas relações orientadas por ideais de reivindicação política, aproxima-se do que Boaventura de Sousa Santos (2009) chama de *Democracia Participativa*, cujas iniciativas buscam romper com o afastamento da vida política e da apropriação privada do Estado, resgatando as dimensões pública e cidadã da política. Tais iniciativas mobilizam setores sociais

interessados na realização de políticas públicas, pressionando o Estado em nome de uma nova relação entre os setores de cidadania e política.

A “Ocupa EEEFTO” tensionou as relações entre o público e o privado, tanto no plano da conjuntura nacional quanto nas relações internas e na própria micropolítica da EEEFTO-UFMG. Frases como: “*MEU* laboratório foi tomado pelos alunos”; “*EU SOU PROFESSOR* e você é só uma aluna”; “Vou entrar no prédio, por bem ou por mal. A palavra é essa: *FORÇAR* a entrada. Não aconselho violência, mas não peço passividade.” refletem a tentativa de deslegitimar as/os ocupantes, a partir de um olhar privatista, por parte de alguns professores, dos usos do espaço público da Universidade.

Posturas agressivas e machistas foram parte do cotidiano da ocupação, tanto no convívio entre as/os ocupantes, quanto no discurso de alguns professores que, ao se reportar às mulheres, empregavam tom de voz alto e agressivo em suas tentativas de desqualificação e intimidação. Fatos que remetem à própria “cultura” da EEEFTO, reforçando os comportamentos de professores em sala de aula.

Apesar da proximidade entre as/os ocupantes, diferentes corpos vivenciaram de diferentes formas a ocupação. As mulheres-ocupantes, que foram as protagonistas do movimento, denunciavam os atos de machismo e, frente a isso, mobilizaram um tempo dedicado a elas: “*nós mulheres percebemos que precisávamos do nosso tempo, do nosso momento de união e luta contra preconceitos e ideias machistas que estavam presentes na ocupação*”. Além da mulher-ocupante, havia a mulher-mãe-ocupante, que viveu intensamente a ocupação dividindo o tempo do ocupar com os cuidados da filha: “*Meu tempo dedicado à ocupação era muito limitado. Eu só podia estar presente nos horários que habitualmente eu estaria em aula ou quando minha filha estava com o pai*”.

Frente aos apontamentos realizados destacamos as corporeidades das/os ocupantes que se configuraram, ora como “*instrumento*” (produzindo, criando, resistindo), ora como “*alvo*” da luta (da fome, do frio, do medo, das ameaças e constrangimentos verbais e físicos), marcadas pela misoginia daqueles contrários ao movimento de ocupação. Como bem aponta Arroyo (2003), nos momentos de mobilização se vivenciam situações limite, o que faz com que os coletivos se articulem “em processos de luta e reivindicação tensos, arriscando o emprego, a segurança, a vida, a identidade” (p.36).

4 CONCLUSÕES EM MOVIMENTO

Buscamos apresentar a experiência da “Ocupa EEEFTO” na UFMG: a luta, os enfrentamentos e o apontamento de horizontes democráticos, mesmo em tempos sombrios. Vivenciar a ocupação se tornou um intenso processo formativo das/os ocupantes, afirmando sujeitos de direitos, tendo nas corporeidades mobilizadas (em especial das mulheres) uma de suas marcas fundamentais.

Nesse final aberto, destacamos a formação vivida na “Ocupa EEEFTO”: uma vivência totalizante, opondo-se a uma racionalidade linear e hierárquica de produção de conhecimento, tão forte nos cursos de graduação em Educação Física. Dialogando com Arroyo (2003), tais vivências revelam e repõem dimensões perdidas na pesquisa, reflexão e ação pedagógica, centradas em formar o sujeito parcelado

e instrumental. A experiência totalizante da ocupação nos desafia repensar a formação de nossos alunos/as e cogitar uma “Pedagogia da Ocupa EEEFTO”, onde outra Universidade Pública e outra Educação Física sejam de fato possíveis.

“OCUPA EEEFTO”: DEMOCRATIC HORIZONS AND CORPOREALITIES IN STRUGGLE

ABSTRACT: This study presents reflections drawn from the systematization of individual and collective experiences during the university occupation movement “Ocupa EEEFTO”. Thus, the occupants’ accounts allow us to reflect on the development of active-citizens as well as affirm their rights as individuals. In addition, it will also address the appropriation and re-designation of public space belonging to EEEFTO/UFMG, emphasizing the gender issues of the struggle and the corporeality of the occupants.

KEYWORDS: Students occupation; Narratives; Corporealities.

“OCUPA EEEFTO”: HORIZONTES DEMOCRÁTICOS Y CORPORALIDADES EN LUCHA

RESUMEN: Este estudio presenta reflexiones a partir de la sistematización de las experiencias individuales y colectivas de la ocupación universitaria “Ocupa EEEFTO”. Por lo tanto, las narrativas de las/los ocupantes nos permitieron reflexionar sobre la formación ciudadana y la afirmación de esta/estos como sujetos de derechos. Abordamos aun la apropiación y re significación del espacio público de la EEEFTO/UFMG, con énfasis en la generificación de las luchas y en la corporalidades de las/los ocupantes.

PALABRAS CLAVE: Ocupaciones estudiantiles; Narrativas; Corporalidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. **A questão da posse na ocupação de escolas públicas**: a experiência paulista. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3716/1/tom%C3%A1saugustosilveiradealmeida.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

ARROYO, M. Pedagogias em Movimento - o que temos a aprender com os Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**. v.3, n.1, p.28-49, jan/jun 2003.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

JOSSO, M. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, B.S. **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.